

A Imigração italiana, séculos XIX-XX, em Nova Veneza-GO: contribuições para a cultura

Iraci Garbim de Souza¹

Resumo Com o fim da mão-de-obra escrava no Brasil veio à necessidade de supri-la por outra melhor e superior à existente devido à chegada do sistema capitalista no país. O Brasil então passa a necessitar de mão-de-obra para a lavoura de café, iniciando assim a introdução do imigrante para substituir a mão-de-obra escrava, e para colonizar as extensas terras devolutas existentes. Para o Governo, era também a oportunidade de povoar o país por pessoas brancas, portanto, iniciam-se as políticas públicas para trazer os imigrantes europeus, voltando à atenção para um país: a Itália. Foi ele quem mais se destacou em quantidade de pessoas que migraram para o Brasil, devido a problemas políticos e financeiros que a Itália vinha atravessando. Diversos grupos migraram para o Brasil, especialmente para as regiões Sul e Sudeste e posteriormente um pequeno grupo chegou à região Centro-Oeste do país. Esse pequeno grupo ajudou na construção do Estado de Goiás, fundando a cidade de Nova Veneza, no contingente de pessoas, que irá marcar profundamente a formação social e cultural regional, com repercussão nacional, sendo esta cidade, hoje, conhecida como um pedaço da Itália em Goiás, com a criação do Festival Italiano Gastronômico Cultural, realizado anualmente na cidade.

Palavras-chave: Imigração Italiana. Processo migratório. A fundação de Nova Veneza. Movimento Cultural.

Introdução

Esta pesquisa versa sobre um grupo de italianos que migraram para Nova Veneza no estado de Goiás, em 1912. Serão analisados os motivos pelo qual houve, por parte dos políticos e das políticas públicas brasileiras, o incentivo da imigração para o Brasil. Com destaque para a imigração europeia.

Destina-se a buscar elementos que auxiliem na compreensão das contribuições dos imigrantes italianos, em torno da colonização do Brasil, sua participação nas transformações ocorridas no país e principalmente no Estado de Goiás nesse período e na contemporaneidade. Desde a agricultura cafeeira até o crescimento econômico social e cultural com a mão-de-obra assalariada no nosso sistema capitalista agrário. Sendo o processo de unificação da Itália, um processo relativamente tardio quando comparado a boa parcela dos países da Europa um dos fatores que nos auxiliará a compreender este processo de imigração. Sobre a unificação da Itália, um dos fatores a dificultá-la foi a força das regionalidades dentro do que hoje se denomina Itália, que por séculos foi uma região dividida em territórios autônomos conforme se verá no mapa a seguir.

¹ Iraci Garbim de Souza é graduanda do quarto ano do curso de História da UEG, UnU cidade de Goiás. Professor indicador do trabalho: Luiz Antônio Lopes Gomes, do curso de História da UnU cidade de Goiás.

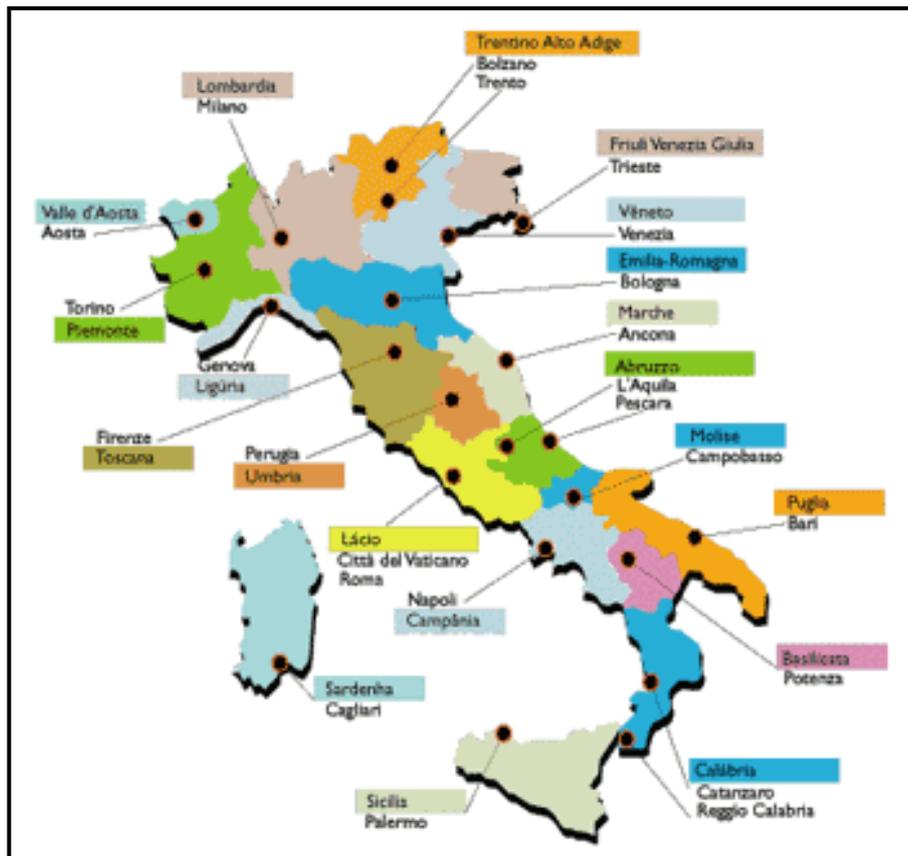


Figura 1 A Península Itálica antes da unificação. Fonte: <http://sandrabergantini.com/portuguese/curiosidades.php>

Na figura 1.2, observe que os territórios estão unidos, formando a nação Italiana.



Figura 2 Mapa da Itália após a unificação. Fonte: http://1.bp.blogspot.com/mapa_italia.jpeg.gif.

Um dos elementos que demonstram a relativa fragilidade da noção de pertencimento à nação Itália por parte da população das classes menos abastadas é o pouco interesse e pouca participação efetiva desses segmentos no processo de unificação da Itália. Estes não se sentiam italianos, mas sim Toscanos, Vênetos e Sicilianos. Segundo Bertonha um número inferior a quatro por cento dos habitantes do novo território falavam italiano, portanto, o idioma não era falado no dia-a-dia nem mesmo pela maioria das pessoas dos segmentos com rendimentos mais substanciais.

Todos os outros falavam dialeto Napolitano, Vêneto, Piemontês e outros e tão incompreensíveis entre si que alguns professores piemonteses, enviados à escola da Sicília em fins do Século XIX, foram tomados por ingleses pela população local. (BERTONHA, 2008, p. 56)

Segundo Bertazzo (1992), os camponeses Sicilianos que assistiram ao Exército de Garibaldi invadir a ilha aos gritos “Viva Garibaldi! Viva a Itália!” perguntaram aos vizinhos se Itália seria a sua esposa, pois tão distante era para eles a ideia de Itália, que em pleno século XIX, era mais adequado falar em *várias Itálias*, dependendo da região e aos grupos sociais aos quais se fazia referência.

“Fizemos a Itália, agora precisamos fazer o italiano” (D’AZEGLIO, 1866 apud BERTONHA, 2008, p. 56). Assim, nos anos seguintes surgia à necessidade de construir ou criar uma Nação, uma língua, uma cultura e uma história, com uma nova padronização, uma Nação italiana reformulada. Um dos locais em que esta diferença se mostraria seria na relação entre Norte e Sul da Itália

Causas do êxodo Italiano

As causas da saída dos italianos de seu país de origem se deram pelas razões já apresentadas mostrando que uma das principais causas são o fator econômico e crescimento vegetativo da população na Europa. As pessoas que saíam estavam à procura do mínimo necessário para a sobrevivência (Bertazzo, 1992).

Para Bertonha (2008) o crescimento rápido da população trouxe dificuldades, pois se tornou difícil conseguir trabalho. Muitas pessoas ficaram sem opção de emprego, e para não morrerem de fome, o jeito foi trabalhar nas fábricas como operários, ou saírem para tentar a vida em outros lugares, e foi isso que a maioria das pessoas preferiu.

Principais Países de emigração e imigração - 1846 a 1932	
Países de emigração (em milhões de emigrantes)	
Escandinávia	2,1
Polônia e Império Russo	2,9
Alemanha	4,9
Império Austro – húngaro	6,2
Espanha e Portugal	6,5
Itália	11,1
Grã - Bretanha e Irlanda	16,0
Países de Imigração (em milhões de imigrantes)	
Estados Unidos	32,4
Argentina e Uruguai	7,1
Canadá	5,2
Brasil	4,4
Austrália e Nova Zelândia	3,5

Fonte: Bertonha, 2008, p.83.

Italianos no Brasil

A imigração italiana no Brasil teve o seu auge entre 1880 e 1930. Esses dados são da embaixada italiana no Brasil. Cerca de 25 milhões de descendentes de imigrantes italianos vivem no país, conhecidos como ítalo-brasileiros, e estão espalhados por todo o país, sendo predominantes em algumas regiões, tais como: região sul e sudeste, em grande quantidade em São Paulo.

A maioria dessas pessoas que deixaram esta região da Itália era camponesa e passavam por um período de dificuldade financeira em seus locais de origem. Com isso, vieram *tentar a sorte* no Brasil, viajando ao lado de artesãos e pequenos comerciantes que se dirigiram para o chamado Novo Mundo.

“Na Europa, muitos aliciadores ainda davam sua colaboração, prometendo condições paradisíacas na Nova Terra”. (CAMILO; BARBOSA; SANTOS, 2001, p. 11).



Figura 3 Panfleto usado para chamar atenção dos italianos. Fonte: <http://www.projetoimigrante.com.br>

Os motivos foram variados, mas o *Novo Mundo* atraía muitas pessoas com propagandas de políticas públicas. Este povo embarcava em navios com o sonho de conseguirem fazer fortuna no Brasil. Os governos sul-americanos, o brasileiro e a classe dominante, sejam os políticos, os grandes latifundiários e/ou os barões do café estimularam a imigração porque seria um bom negócio.

“O sistema de imigração contava quase sempre com a preferência dos grandes proprietários de São Paulo, que necessitavam de braços para a lavoura cafeeira”. (BRITO, 1992, p. 20).

Portanto, os imigrados tinham muita esperança de melhorar de vida, mesmo que muitos não conseguissem isso na proporção desejada. Porém, mesmo com dificuldades, os imigrantes conseguiram um lugar de destaque no mercado de trabalho rural, pois eram os preferidos pelos brasileiros, ao invés dos caboclos, mulatos e negros que tinham intenção de permanecer como mão-de-obra temporária. A situação dos trabalhadores rurais imigrados chegou a ser objeto de decisão judicial dos governos estrangeiros, em especial da Itália,

chegando a registrar a criação de instituições de proteção, os “*Instituti di Patronato*”, e também outro órgão, o “*Patronato Agrícola*”, que tinham a finalidade de observar a aplicação das leis regulamentadoras dos acordos de trabalho e favorecer a fiscalização e as atividades das cooperativas dos imigrantes e dos trabalhadores agrícolas: os socorros médico e farmacêutico, assistência educacional e também promover o auxílio jurídico, de graça, aos colonos. Mesmo com os agravos, o Governo de São Paulo incentivava na Europa, em especial por meio de propagandas, a divulgação da condição dos imigrantes aqui já alojados e as condições oferecidas aos novos, de maneira a beneficiar a continuidade da corrente imigratória europeia, e em especial a italiana.

A consolidação do trabalho livre, assalariado, decorrente da imigração fortaleceu o mercado interno brasileiro, criando condições para a posterior expansão industrial do país. O governo de São Paulo começou a financiar suas passagens destes a construção da hospedaria do Brás (1888), que conseguia abrigar até quatro mil pessoas de uma vez. Assim o imigrante chegava ao Brasil sem dever a ninguém, instalavam-se na hospedaria até que se conseguisse uma fazenda para trabalhar. (CAMILO; BARBOSA; SANTOS, 2001, p. 13).

A Hospedaria dos Imigrantes, hoje Memorial dos Imigrantes, tem arquivos em que constam os dados de todos os imigrantes, conforme Anexos um e dois.



Figura 4 Memorial do Imigrante, antiga Hospedaria do Imigrante. Fonte: <http://www.projetoimigrante.com.br>

Assim, os imigrantes conseguiram chamar a atenção, tanto do Governo Imperial quanto dos cafeicultores, sobre sua importância como mão-de-obra livre assalariada. Embora ainda não seja como o Governo Imperial prometeu, por meio das propagandas que estimularam o italiano a deixar seu país, aos poucos eles vão se destacando.

A Imigração em Goiás

Em Goiás, segundo os professores e historiadores, Adaguimar Antônia Pacheco Camilo, Elizabeth Fernandes Silva Barbosa, Marcondes Rodrigues dos Santos (2001), o grande estimulador da imigração foi o governador Jerônimo Coimbra Bueno, que notava a ignorância do lavrador quanto à necessidade da implantação e uso de novas técnicas na agricultura e a dispersão das pessoas em diversas direções pelos campos, e logo viu na imigração uma alternativa para resolver esses problemas. Goiás era um Estado pobre e estava com dívidas, não podendo tomar sozinho a iniciativa de uma imigração. Portanto, recebeu o apoio de Eurico Gaspar Dutra, que era Presidente da República, e do Conselho de imigração e da colonização, o que equivaleria falar com certeza de dinheiro federal.

O governo federal exerceu importante papel no movimento de interiorização nas décadas de 1940 e 1950 com a marcha para o oeste, no Estado de Goiás. O desenvolvimento do Estado não pode ser analisado somente pelo prisma da estrada de ferro e sim como a conjugação de vários fatores estratégicos, políticos e econômicos criados pela ascensão do capitalismo em expansão (CAMILO; BARBOSA; SANTOS, 2001, p. 17).

Segundo Brito (1992), enquanto passava da integração parcial ao Comércio Econômico Internacional, o Estado de Goiás, localizado no centro do Brasil, longe das regiões litorâneas pouco foi atingido pelos acontecimentos que vieram do exterior, entretanto, o Estado que se localizava no subúrbio deste sistema agrário exportador, não ficou alheio à causa imigratória. Em Goiás houve a inquietação com a importação da mão-de-obra estrangeira e estabelecida devido dificuldades internas do desenvolvimento na agricultura da região.

Em síntese, a agricultura goiana mostrava a seguinte aparência nessa época: tinha uma pequena produção para a própria despesa interna; não existia motivação para o trabalho agrícola; tinha também a falta de gêneros alimentícios nesta localidade, e os políticos já estavam preocupados com esta situação.

Para a autora, a caída da mineração e o não aparecimento de outra atividade lucrativa, bem como a localização geográfica de Goiás, foram os motivos da falta de imigrantes em Goiás, no início de sua chegada ao Brasil, em 1808.

Com tudo isso, mesmo antes da libertação dos escravos, muitas vezes se ergueram em Goiás defendendo a vinda de imigrantes para resolver o problema do fornecimento interno, que era frágil desde a época colonial. Porém, a política estimulante da imigração estrangeira no Brasil foi intensificada em 1870, em consequência da expansão cafeeira, mas em Goiás, apenas em 1871 é que foram divulgadas duas propostas. A primeira tratava do modelo dos contratos para introdução dos imigrantes europeus nas fazendas agrícolas de São Paulo, e como seria a divulgação dos proveitos que o governo central oferecia aos fazendeiros, agricultores e suas propriedades. A segunda era um recado enviado para o presidente da província fazendo conhecer a existência em Portugal de uma pessoa responsável pelo Serviço de Imigração Europeia exclusiva para os Portugueses.

Indicando, portanto, aos imigrantes portugueses que viessem para a Região Centro-Oeste, que nada lhes seria exigido. As propostas foram publicadas pelo Correio Oficial, mas não despertaram interesse.

Com a libertação dos escravos, em 1888, surge um despertar pela causa imigratória devido à falta de braços para a lavoura e isso teria como consequência a crise na agricultura. Mesmo assim, a causa não estava defendida. Iniciou-se a crise com a escassez de quase todos os gêneros de alimentação pela falta de trabalhadores nas lavouras, mas surgiram algumas formas para solucionar o problema da introdução de trabalhadores estrangeiros nas lavouras, aumentando o controle produtivo da terra com a cultura científica e a diminuição do homem nas lavouras. Substituindo-os pelas máquinas, melhorando as linhas de comunicação existentes e organizando outras melhorias, como a criação de bancos para o povo, pequenas associações de créditos, que proporcionariam aos lavradores o dinheiro necessário para os mantimentos de suas fazendas, e a implantação de institutos e escolas de agronomia que orientassem na exploração científica da terra.

Contudo, ainda no final do século, não havia nenhum movimento imigratório chegando ao Estado de Goiás. Era visível nesse período o problema da falta da mão-de-obra na região central e a vontade dos produtores em adquirir braços estrangeiros para as suas lavouras. O exemplo desta espera estava o senhor Joaquim de Araújo, proprietário de uma

boa plantação de café, porém, com a abolição dos escravos, o dono batalhava com muito ardor por não haver mão-de-obra disponível, e dizia não poder contar com os braços estrangeiros no Estado de Goiás. Os resultados e reflexos da política imigratória nacional chegaram ao Estado de Goiás, com suas ofertas concretas, somente na segunda metade do século XIX. Porém, o Estado encontrava-se com a situação econômica desfavorável em relação às regiões litorâneas do país.

Devido ao tipo de agricultura, Goiás não despertou demanda de mão-de-obra, como nas lavouras cafeeiras. Conclui-se que devido à falta de vias de comunicação, e também de linhas férreas ou fluviais, o tráfego tornava-se difícil, dificultando a integração e a comercialização com outros lugares.

Em relação aos demais estados, Goiás permanecia atrasado devido à baixa densidade populacional e aos baixos índices de produtividade da terra, a ausência de meios de transporte e comunicação modernos e no inexpressivo desenvolvimento urbano. (CAMILO; BARBOSA; SANTOS, 2001, p. 16).

Os fluxos imigratórios que se dirigiram para o Estado de Goiás cooperaram para que fossem fundados os núcleos dos estrangeiros na região goiana, e alguns conseguiram crescer, chegando a prosperar, levados pelas ajudas oferecidas e também devido às ótimas qualidades do solo e pelo êxito do cultivo do café. O número de habitantes estrangeiros em Goiás até o ano de 1920 era uma quantidade insignificante. Os dados estatísticos evidenciam a pouca influência dos estrangeiros na formação populacional de Goiás.

“A integração do Estado à economia nacional aconteceu a partir de 1915, quando o conflito mundial fez aumentar a demanda de produtos agropecuários nas áreas cafeeicultoras”. (CAMILO; BARBOSA; SANTOS, 2001, p. 16).

A Chegada em Goiás

Em Goiás, os primeiros grupos de italianos eram constituídos por sete famílias todas consangüíneas ou formadas por matrimônio. Ao desembarcarem, um proprietário de terras empregava as famílias, falava que havia uma casa e tudo o que necessitassem. Ao chegar à propriedade, colocava-os em um depósito ou paiol de café, sentindo justo fazer-se aceitar tal hospedagem. O manifesto dos recém-chegados foi pegar suas malas e seus pertences e sair da fazenda. O proprietário chamou a polícia, que saiu a procura dos imigrantes, estes foram presos e ficaram na delegacia até o representante do consulado italiano tirá-los de lá.

Acontecimento como esse era contínuo, chegando a tal ponto da amizade entre a Itália oficial e o Brasil se irritar, tanto que o governo italiano baixou o chamado “Decreto Prinetti” que impedia a passagem de graça dos italianos para o Brasil, desta forma faria perder o estímulo às viagens.



Figura 5 “Decreto Prinetti” Fonte: <http://www.projetoimigrante.com.br>

Essas famílias que vieram não permitiram que se afastassem pelo novo meio social e pela nova situação. O novo imigrante inseriu-se, se adaptaram - um período de acomodação e esperança – à nova vida em Goiás. “As sete famílias que labutavam juntas, na realidade formavam uma só família, uma grande e única família, ou uma “família extensa”. Saindo da Itália, os filhos trouxeram consigo também os velhos pais, Santo e Elena”. (BERTAZZO, 1992, p. 67).

Já de idade e *sem a clareza*, o velho Santo Stival, repentinamente colocava-se em pé e começava a caminhar em direção a porta, dizendo ele determinado: “*vago in Itália; ciapo sta strada e vago in Itália*”. Antes de viajar para o Brasil, ele já tinha vindo à América Latina, fiscalizado o Uruguai, a Argentina e o Brasil.

Veio a mando na dianteira para investigar e tomar conhecimento das condições e ver as possibilidades de mudar com a família. De volta à Itália, casou-se com dona Pásqua Fachin e trouxe a família. Mesmo sendo analfabeto - um fato comum naquele tempo na

Itália - seu João Stival, andou o mundo e gostava de aproximar-se das pessoas. É recordado como uma pessoa falante, desembaraçada de muitas iniciativas e ousada, diferente do irmão Césare que era visto como uma pessoa controlada, mas muito laboriosa e não tinha as efusões que as características lhes concederam, com tamanha bondade a todos os Italianos. Portanto, era normal que João tivesse amplo poder do grupo, cumprido as obrigações jurídicas, usando o seu nome e sua pessoa, então quem adquiria as terras era o ofertante da área na qual se construiu a cidade de Nova Veneza. Após ele, porém, existia todo o centro familiar.

Em Goiás, em Nova Veneza, as condições de estabilização foram diferentes, das quais foram introduzidas na região Sul do Brasil, em que os imigrantes foram colocados no *meio da selva*. Para o autor, era de regra que eles criassem de novo o ambiente que deixara na Itália. Já em São Paulo, o imigrante submeteu-se a uma organização social e econômica autoritária, e aos fazendeiros cafeicultores. Portanto, as organizações brasileiras prosseguiram a dominar, mesmo com as grandes contribuições que os imigrantes adicionaram à cultura e aos costumes paulistas.

Ao chegarem a Goiás, o principal objetivo dos imigrantes era arrumar acomodações, e de início foram tomadas as providências para a construção de uma casa grande, com muitos cômodos para que todos pudessem se acomodar. Já instalados, nos primeiros dias na lavoura, plantaram o básico para o sustento diário se preocupando com o arroz, o feijão, a mandioca e com a horta. Em suas mesas a verdura não podia faltar, a mesma recordava os tempos de jejum de alimentos na Itália, e bons italianos que eram diante da esquivança dos goianos que se orgulhavam de “não comer mato”.

Conforme a situação foi se ajeitando, a prioridade foi para as lavouras de comércio e depois para a lavoura de sustento, um lugar que não desse para o alimento, seria inconcebível, com o mundo cultural de quem já tinha visto lugares e situações adversas. Viajar tanto, para ficar na mesma situação, não era justo. “A primeira devastação de mata colocou aos chãos cinco alqueires de mata”, recordava o senhor Tite. “*Está doido?*” falavam as pessoas do local, deslumbrado e cético. Não se via naqueles lugares tantas roças de uma só vez.

Costumes e Tradições

Para os filhos, a vida era aqui e para os pais a vida prosseguia pela metade lá. A mesa com fartura de comida que todos comiam e sobrava, era indício de sonhos concretizados. Alimentar-se muito era um orgulho. Em dias de comemorações havia até disputa para ver quem comia mais. Essa grande quantidade dos sobejos e até o esbanjamento parecia quase uma desforra contra o passado de carência, miséria e de privação do necessário. Segundo Bertazzo (1992), sem hesitação, é da fome “psíquica” que falava o senhor Antônio Cândido, esta era a “vontade permanente de associações queridas”, unido ao desejo de fartura, depois de um tempo de fome, escassez de víveres; mesa farta depois da penúria. Os pratos quase sempre com carne de porco e frango, já assados no jeito bem apresentados para serem comidos. O senhor Tite afirmava que “os velhos falavam que o estado de Goiás era o Jardim do mundo”. O senhor Augusto Peixoto fala com exatidão que os velhos consideravam aqui um “paraíso”. No íntimo do coração, sinônimos do “paese dela cuccagna”, deram forma aos sonhos dos pobres para os quais certamente, “pátria é onde se come” declara um provérbio Vêneto.

Esta propensão para festa percebe-se claramente numa prática usual própria de Nova Veneza: a *treição*. O nome é uma corruptela lugar da palavra traição, para simbolizar o inesperado, a estranheza, o espanto de alguém que, de repente, é surpreendido no meio da noite por um grupo de violeiros e sanfoneiros, e por cantorias que os chamavam, os intimava a ir para o trabalho. Preparava-se tudo com muito cuidado, pois era uma forma de levar socorro a quem estava com os trabalhos da lavoura atrasados, e para evitar uma situação pior, sem medir a precisão de quem necessitava ou estava em dificuldade.

Outro fator que contribuiu para o enraizamento dos italianos em Goiás foi o catolicismo. O imigrante trouxe em sua bagagem ferramentas, sementes e pouquíssimos objetos que o permitiria começar a sua vida, não faltando na bagagem os livros com suas rezas, quando sabiam ler, e as estátuas dos santos padroeiros de sua igreja de devoção.

Na falta de padres para a celebração das cerimônias litúrgicas e das devoções, alguém mais capacitado era escolhido para presidir as rezas e as reuniões e benzer os doentes e os mortos. Em alguns lugares era chamado de “padre do mato”. (BERTAZZO, 1992, p. 107).

Segundo Bertazzo (1992), quem conhece as regiões mais afastadas do Brasil onde existiam os grandes proprietários de terras, sabe que o “coronel”, além de proprietário da terra, tomava posse dos trabalhos, dos votos políticos e até das decisões religiosas dos funcionários. Portanto, a igreja da propriedade ficava aos cuidados da mulher do coronel, e era o principal local religioso, onde o vigário era chamado, acomodava-se na casa do fazendeiro, e era uma grande ajuda na imposição das ideias do fazendeiro. A proteção exagerada aos subordinados fazia com que o coronel fosse o padrinho de batismo dos filhos, concluindo as relações entre os dois, somadas à proteção, o fazendeiro unia os laços de humildade e fidelidade toda ao dependente.



Figura 6 Atual Igreja Nossa Senhora do Carmo. Fonte: Iraci Garbim de Souza (2011)

No dia 16 de junho havia as comemorações da santa padroeira Nossa Senhora do Carmo, trazida da Itália em 1912, que neste próximo ano (2012) estará completando cem (100) anos da sua chegada à cidade Nova Veneza. As festividades tradicionais de comemorações, onde a língua, os costumes, as comidas típicas, e as tradições religiosas, estão presentes, mostra um forte sentimento à terra natal.

“Os italianos que chegaram a Goiás tinham uma trajetória um pouco diferente da dos imigrantes que se estabeleceram no Sul brasileiro, embora conservassem características parecidas e comungassem da mesma cultura”. (BERTAZZO, 1992, p. 107)

Segundo Bertonha (2004), os laços entre os italianos e brasileiros eram unidos em vários costumes dos imigrantes por serem feitos como seus pelos brasileiros, exclusivamente em São Paulo e no Sul. No começo do século XX, por exemplo, ouvia-se nas avenidas de São Paulo e, em particular, nos bairros populares italianos como Brás, Bexiga e Barra Funda, mais dialetos italianos que o português. Muitas das pessoas que visitaram São Paulo, nesses anos, impressionaram-se com o grau de influência da cultura, da culinária e do estilo de vida italiano na cidade. Com o passar do tempo iniciou-se outra cultura, a mistura brasileira com a italiana, ou seja, a mais adequada: ítalo-brasileira. Portanto, esta nova cultura, não só com costumes, músicas e características peculiares, mas também com um dialeto próprio construído pela junção do português e do italiano, bem desempenhada pela música de Adoniran Barbosa, descendente de italiano. Essa cultura ítalo-brasileira, com o passar do tempo, se tornou pouca ativa em São Paulo, mas ainda se mantém presente em comemorações de San Genaro, na Mooca, e de Nossa Senhora Acheropita, no bairro da Bexiga.

Ao chegar à cidade, o primeiro impulso do italiano era tentar reconstituir a comunidade rural de origem; recompor um ambiente familiar no qual a língua, os conterrâneos e os alimentos conhecidos lhe devolvessem os sentimentos de segurança e de unidade que haviam ficado para trás, além do Atlântico. (MACHADO, 1993, p. 07)

Para os imigrantes e seus descendentes, os encontros funcionavam como um conforto para as suas saudades, vindo posteriormente a fazer parte também da cultura do Brasil, logicamente passando por modificações e aculturações, que foram muito bem condicionadas pelos descendentes de ambas as regiões. Tanto no Sul como no Centro-Oeste em Goiás, em Nova Veneza não foi diferente, vindo a dar início ao Festival Italiano Gastronômico e Cultural.

Para que este festival acontecesse foi preciso unir forças e culturas entre o Sul e Goiás, abrir mão do individualismo e olhar para o bem que eles estariam fazendo com essa união. Foi como se a Itália, e a Europa de alguma forma se aproximassem de Goiás a ponto de permitir que as diferenças assumissem características positivas. O Festival Italiano

Gastronômico é um festival inspirado na Itália, mas com características da região na qual os descendentes dos imigrantes agora estão. O curioso é que a partir das *inovações* trazidas para o festival, pode ser que este seja mais um festival Italiano-Brasileiro de gastronomia do que um festival essencialmente voltado para as tradições ainda presentes ou algum dia presentes na Itália.



Figura 7 Caravana de Nova Veneza de GO, em Nova Veneza, Santa Catarina no RS.
Fonte: http://www.festivalitaliano.net/2009/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=48&Itemid=75

Assim, essa herança se tornou realidade, sem perder a essência, mantendo os traços deixados pelos seus pioneiros. Ao mesmo tempo foram acrescentadas, mas também preservadas as características dos alimentos, das rezas e danças. Como normalmente acontece no encontro de culturas, houve conflitos, assimilações e doações. Sendo que no caso dos imigrantes italianos aqui analisados, as assimilações e doações foram fortes o bastante para reduzir a força dos conflitos, permitindo que Nova Veneza e os imigrantes de certa forma se sentissem em casa em Goiás. Não mais como italianos, mas como brasileiros que de alguma forma tem suas raízes reconhecidas não apenas pelos descendentes das famílias dos imigrantes, mas também por boa parte das pessoas já anteriormente residentes em Goiás.



Figura 8 Baile de máscaras. Fonte: Iraci Garbim de Souza (2011)

Em meio a essas riquezas, é possível degustar durante os dias de festa: lombo de porco, macarronadas, pizzas, carnes cozidas conservadas em latas, queijos, frutas e outras iguarias da cozinha italiana. Os descendentes italianos de Nova Veneza, juntamente com os amigos da região Sul, mantêm intercâmbios durante as comemorações das duas localidades.



Figura 9 Ponte demonstrando a continuidade da tradição Italiana
Fonte:<http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://mw2.google.com/mw>

Nova Veneza, buscando manter as tradições da cultura italiana, e buscando resgatar as tradições culinárias dos fundadores, em 2003, iniciou este festival. Sua primeira edição, contou com o apoio do prefeito: Osvaldo Stival, filho de João Stival, um dos fundadores da cidade. O evento tem superado as expectativas em público, como na última edição.



Figura 10 Dança típica italiana Fonte:
http://www.festivalitaliano.net/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=70&Itemid=82

A cidade se veste de vermelho, verde e branco para recordar a *velha pátria*, com várias atrações que vão desde o baile dos mascarados, como outros eventos na praça central onde sua ornamentação e arquitetura também lembram a Itália. O público é recebido em volta dela, tendo tendas com mesas e cadeiras, onde são vendidos os pratos típicos e as bebidas da Itália. Nova Veneza também adotou a língua italiana nas escolas de iniciação infantil, assim, as crianças aprendem desde pequenas a falar italiano.



Figura 11 Coral infantil apresentando músicas Italianas. Fonte: Iraci Garbim de Souza (2011)

O Festival Gastronômico, atualmente, vem ocupando grande destaque durante sua realização, tendo espaço na mídia e nos jornais devido ao grande número de visitantes, de diferentes lugares. Um dos fatos que chama a atenção dos visitantes e turistas é o público, juntamente com o ambiente que é todo voltado para a família, pois como bons italianos prezam pela união familiar.

A organização, a preparação dos alimentos e a limpeza deixam um ar de asseio. Outro fator presente é o sistema de policiamento dando segurança aos visitantes, todos esses detalhes são cuidadosamente tomados para que realmente cada Festival Italiano Gastronômico Cultural, seja uma festa para ficar na história da preservação dos costumes e tradições trazidos pelos patriarcas da Itália. Parabéns aos idealizadores e administradores deste evento, pela preocupação e o zelo em manter viva essa rica cultura, que muito contribui para a construção do conhecimento e respeito às diferenças culturais.



Figura 12 Festival Gastronômico de Nova Veneza. Fonte: Iraci Garbim de Souza

Na confecção deste trabalho destaco as dificuldades encontradas devido à carência bibliográfica do assunto. Espero então, que este possa vir auxiliar futuros acadêmicos que desejem fazer suas pesquisas nesta linha.

PARABÉNS AOS 100 ANOS DE IMIGRAÇÃO 1912-2012!

Referências

BARBOSA, E. F. S.; CAMILO, A. A. P.; SANTOS, M. R. *Contribuição econômica do imigrante, estrangeiro no município de Inhumas-GO*. 1ª ed. Goiás: Planalto, 2001.

BERTAZZO, Giuseppe. *De Veneza a Nova Veneza, imigração italiana em Goiás*. 1ª ed. Goiânia: UFG, 1992.

BERTONHA, João Fábio. *A imigração italiana no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Saraiva, 2004.

_____. *Os Italianos*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.

BRITO, Maria Helena de Oliveira. *A colônia alemã do Uva*. 1ª ed. Goiânia: Centro Editorial e Gráfico da UFG, 1992.

MACHADO, Alcântara. *Testemunho da imigração*. In: Revista Estudos Avançados 7(18). São Paulo: USP, 1993. Dossiê italiano no Brasil, 09/2011.

MEMORIAL DO IMIGRANTE. *Documentos Requeridos*. São Paulo, 24/09/2008.

NUNES, Heliane Prudente. *A imigração árabe em Goiás*. 1ª ed. Goiânia: Editora da UFG, 2002.

Fontes eletrônicas:

[http://www.google.com.br/image\\$Search/?*imigration_#Italian](http://www.google.com.br/image$Search/?*imigration_#Italian)

Fonte:http://www.festivalitaliano.net/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=69&Itemid=73

<http://sandrabergantini.com/portuguese/curiosidades.php>

http://1.bp.blogspot.com/mapa_italia.jpeg.gif

http://www.festivalitaliano.net/2009/index.php?option=com_content&view=category&layout=blog&id=48&Itemid=75

http://www.google.com.br/imgres?imgurl=http://mw2.google.com/mwpanoramio/photos/medium/46501458.jpg&imgrefurl=http://pt.dbcity.com/Brasil/Goi%25C3%25A1s&usg=__pFWWhwGRPVK8H0_dUVb9bnGbO9v4=&h=375&w=500&sz=63&hl=ptBR&start=132&zoom=1&tbnid=TXDWNdlkYJt4M:&tbnh=98&tbnw=130&ei=0_kJTvAJIWJgwf10ZEF&prev=/search%3Fq%3Dfotos%2Bde%2BNova%2Bve neza%2BGo%26start%3D120%26hl%3DptBR%26sa%3DN%26biw%3D1366%26bih%3D667%26tbnm%3 Disch%26prmd%3Dimvns&itbs=1

http://www.festivalitaliano.net/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=70&Itemid=82

Fonte:http://www.festivalitaliano.net/2009/index.php?option=com_content&view=article&id=69&Itemid=73



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
MEMORIAL DO IMIGRANTE

CERTIDÃO DE DESEMBARQUE

PROTOCOLO - Nº 6.261/08

CERTIFICO constar do Livro de Registro de Imigrantes da Hospedaria de São Paulo 028 página 170:-

do nosso acervo documental, os seguintes dados de ANGELO GARBIN

Nacionalidade: italiana

Filiação: nada consta

Data de Nascimento ou Idade: 50 anos Sexo: masculino

Estado Civil: casado Profissão: nada consta

Navio: "SOLFERINO"

Origem: nada consta

Destino: nada consta

Passaporte Nº: nada consta

DATA DE DESEMBARQUE: 27 de AGOSTO de 1.891, em SANTOS.

Chefe ou Responsável: O próprio.

Composição da Família: TEREZA, esposa(51 anos)filhos:Giacchini(23 anos)Giuseppe(12 anos)Adelaide(07 anos)Benjamin(05 anos).

São Paulo, 24 de setembro de 2008

Responsável pelo levantamento da informação

WALDIR ROBBI
RG:2.928.682-7

Memorial do Imigrante 26274

Constam dos arquivos do Memorial do Imigrante os seguintes dados:

Nome da Família	Nome do Imigrante	Parentesco	Nacionalidade	Idade	Estado Civil
GARBIN	ANGELO	MARIDO	ITALIANA	50	CASADO
	BENJAMIN	FILHO	ITALIANA	05	NÃO CONSTA
	ADELAIDE	FILHA	ITALIANA	07	NÃO CONSTA
	TEREZA	ESPOSA	ITALIANA	51	CASADO
	GIACCHINI GIUSEPPE	FILHO	ITALIANA	23	NÃO CONSTA

Procedência
SANTOS

Destino
Vapor
SOLFERINO

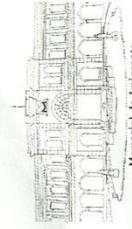
Chegada
27/08/1891

Livro
028

Página
170



SECRETARIA DE ESTADO
DA CULTURA



Memorial do Imigrante